



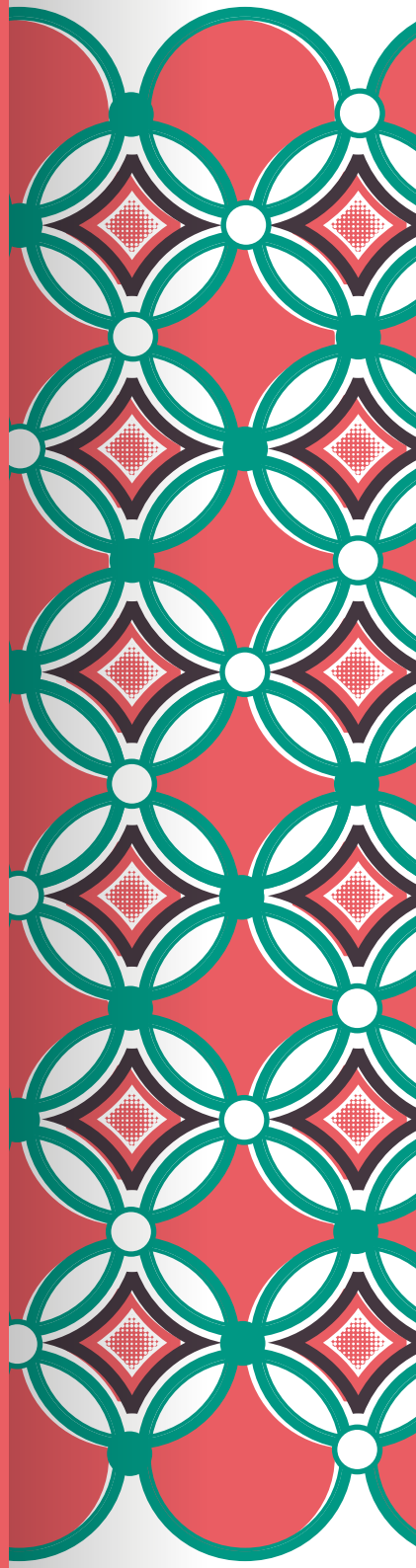
# O AFRO BAR- ROCO

MATEUS ALELUIA

Filho e fruto de Cachoeira, Mateus Aleluia Lima é cantor, compositor e pesquisador da ancestralidade musical pan-africana do Brasil. Iniciou sua carreira em sua cidade natal no Recôncavo Baiano e junto com Dadinho foi responsável pelo perfil artístico ideológico dos Tinhoãs, considerado o primeiro grupo vocal a expressar, na história da Música Popular Brasileira, a herança cultural – musical e linguística – de diferentes povos africanos que aqui aportaram.

A ligação estreita que estabeleciam com a África tornou-se uma realidade concreta na vida de Mateus e Dadinho, quando, a partir de 1983 passam a viver em Angola. Nas duas décadas que viveram por lá lançaram o último disco dos Tinhoãs, mas foi à pesquisa antropológica e cultural que Mateus dedicou grande parte do seu tempo. Contratado pela Secretaria de Cultura de Estado de Angola, ele viajou o país ao encontro de mestres e mestras dos mais diversos saberes. No retorno ao Brasil, em continuidade à sua trajetória artística, lançou os álbuns: Cinco Sentidos, Fogueira Doce, Olorum, Afro canto das Nações, Canto Coral Afrobrasileiro dos Tinhoãs e seu mais recente álbum homônimo, Mateus Aleluia. Sua obra é considerada um marco da cultura afro-brasileira.

Desde 2020 Mateus realiza a primeira etapa do icônico projeto “Nações do Candomblé”, que dedica-se a refazer as pontes entre as matrizes musicais sagradas do culto do candomblé e os cantos sagrados dos cultos africanos. Em fase de execução a pesquisa já resultou na composição e gravação do Álbum “Afro canto das Nações”, lançado em 2021 e cuja singularidade o rendeu indicação ao Grammy Latino, e no lançamento livro Nações do Candomblé-



# O AFRO BAR- ROCO

**MATEUS ALELUIA**

**Organização: Tenille Bezerra**

*Sanzala Artística*

# O Afrobarroco

Autor: **Mateus Aleluia**

Organização e revisão: **Tenille Bezerra**

Produção Executiva: **Talismã Arte e Cultura**

Identidade visual, capa e projeto gráfico: **Tiago Ribeiro**

Ilustração: **Eris Beatriz**

Produção gráfica: **Fabiana Marques (Produtora Árvore)**

Este projeto foi contemplado nos Editais da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura na Bahia, realizados com recursos do Governo Federal repassados pelo Ministério da Cultura, e executados pelo Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria de Cultura do Estado.

## PRODUÇÃO

*Sanzala Artística*

**talismã**

## APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA  
DE CULTURA

## REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



|                                                  |             |          |
|--------------------------------------------------|-------------|----------|
| <b>Operário da sensibilidade<br/>afrobarroca</b> | <b>• 07</b> | (( ( ) ( |
| <b>Somos uma grande floresta</b>                 | <b>• 17</b> | ( ))) (  |
| <b>O que é o Afrobarroco?</b>                    | <b>• 39</b> | (( ))((  |
| <b>O barroco</b>                                 | <b>• 63</b> | (( ( ( ) |
| <b>Em busca do nosso lado Banto</b>              | <b>• 73</b> | ( ) (( ( |

# SUMÁRIO

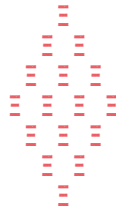
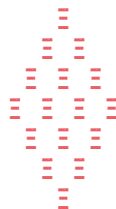
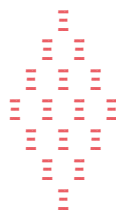
|                                              |              |          |
|----------------------------------------------|--------------|----------|
| <b>História de Angola</b>                    | <b>• 81</b>  | ( )))((  |
| <b>Os povos indígenas e suas<br/>línguas</b> | <b>• 91</b>  | (( ( ( ) |
| <b>Movimento afrobarroco</b>                 | <b>• 101</b> | ( ( (( ( |
|                                              |              | ( ))) (  |
|                                              |              | )) ))((  |
|                                              |              | ) )( ( ( |



“E, no início houve Cachoeira. Em Cachoeira fomos germinados na brisa quente úmida do vale do Paraguaçu. Em nossa forma de Girino/Homem – como todo Ser – germinado no vale do Paraguaçu a partir dos muitos idos anos 1532 (início da invasão colonialista portuguesa em Cachoeira a partir do Iguape) já nascido “Homem – o Animal que Fala” trazendo consigo no cromossoma memória, ou em sua memória Inter temporal, quiçá secular; o entrelaçamento das memórias: indígena, europeia, africana – fossemos descendência direta ou não de um dessas franjas étnicas continentais ancestrais, (continente europeu – continente africano – continente americano do sul brasileiro) estaríamos fadados a tríplice aliança étnica cultural.

Em nossa forma inquieta de tentar entender esta realidade que nos toma – se apossa de Nós – e, ao mesmo tempo nos foge, somos sempre despertados pelo questionamento: Quem Somos; quem Fomos; O que Seremos! Ao tentar responder a este questionamento num horizonte temporal acontecido há cerca de 83 anos, somos levados ao tempo do Hoje, em todo o tempo que esta palavra condensa.”

**Mateus Aleluia**





# OPERÁRIO DA SENSIBILIDADE AFROBARROCA

*“De onde vier uma palavra de sabedoria, eu capto. Não importa de onde vier, pode vir de um inimigo, eu capto”.*

por **Tenille Bezerra**

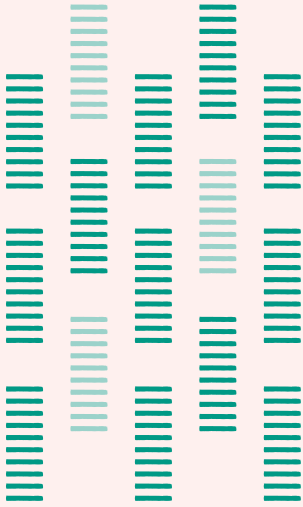
Há cerca de 14 anos convivo com essa frase, que me soa ora como enigma, ora como canto. O autor, Mateus Aleluia, é o mesmo responsável pelas linhas que compõem essa jangada indo-afro-barroca que agora se apresenta em forma de livro. Quando penso no sentido da frase como canto, imagino a natureza nos conduzindo a um estado harmônico de entendimento e abertura ao desconhecido; ao pensar na frase como enigma, me pergunto quantas vezes é necessário despir a alma de pré-conceitos para finalmente encontrar a sabedoria em campo inimigo, ali onde julgamos não haver nada de desejável. Para as perguntas formuladas em torno do pensamento de Mateus, a resposta, ou uma linha de chegada qualquer, muitas vezes não é o que mais interessa.

Entregar-se ao percurso, ouvir o eco das paisagens em nosso interior é a melhor forma de viajar. Foi assim, entre espanto e descoberta, que o vi pela primeira vez falar sobre o Afrobarroco.

Na época iniciávamos a realização de um filme que eu imaginava ser sobre os Tinfois, mas as letras do destino dançam e a outros futuros se enlaçam. Flertando com o que não se conhece foi que se fez - fizemos - “Aleluia, o canto infinito do Tinfoi”. O encontro com o universo íntimo, poético e sensível de Mateus revelou uma parce-

ria que nos trouxe até aqui. Foi por volta do ano de 2012 que ele me apresentou uma série de projetos de sua autoria: Nações do Candomblé, Bahia Profunda, Africanologia, Opereta Sacroprofana, Afrobarroco em palestra musical. Todos os projetos, bastante sólidos do ponto de vista conceitual, marcavam seu retorno ao Brasil depois de 19 anos vividos em Angola, onde desempenhou diversos papéis nas áreas da cultura e da comunicação. A travessia atlântica, suas idas e vindas, talvez tenham favorecido o florescimento de uma visão, tão pragmática quanto sensível, da realidade brasileira, ou, quem sabe, tudo já estivesse escrito - afinal, o homem é para o que nasce. No exercício de observar e captar a sabedoria ele foi tecendo, com linhas de hoje, ontem e amanhã, um espírito cada vez mais livre e despido de preconceitos, através do qual orienta os seus projetos, contributos que são à construção de uma sociedade inclusiva, democrática, com valores humanistas e igualitários.





Sendo um dos responsáveis pela obra dos Tincoãs, emblemática para a cultura brasileira, e tendo dado continuidade a esse legado construindo a sua própria obra com cinco álbuns aclamados internacionalmente, Mateus é comumente mais conhecido pelo seu trabalho musical, mas isso - que já é muito - não é capaz de defini-lo. Inspirado pelos anos que viveu sob o regime comunista em Angola, ele questiona o lugar do artista na sociedade capitalista e em oposição a isso afirma ser um operário da sensibilidade. Para Mateus a arte, enquanto

modo de expressão da sensibilidade, se manifesta no exercício dos mais diversos ofícios, sejam as pessoas costureiras, pedreiros, cozinheiras, pintores, pescadores, professores, sapateiros, ferreiros, etc. Essa compreensão, necessária, desloca a ideia renascentista da ascensão do artista, que passa a ser visto como mais um trabalhador, e retira a arte do círculo de poucos para posicioná-la no seu lugar de origem: a sociedade como um todo.

Pedagogo de formação, o livre-pensador Mateus sabe que não há evolução sem conhecimento, assim como não se faz uma luta sozinho. Em sua canção “Homem! O animal que fala” ele convoca ancestrais na luta por um mundo melhor: “Morre o homem vil para que o nobre homem possa surgir. E quando ele vier, que seja pragmático como é Mandela, que traga poesia e independência, como Leopold Sédar Senghor, que tenha um grande sonho, como sonhou Luther King e seja um grande herói como foi Zumbi<sup>1</sup>”.

1. *Homem! O animal que fala.* Autor: Mateus Aleluia



No horizonte de transformação social: a liberdade. “Sou eu, sou eu, sou eu: Liberdade. Sou também fraternidade, por mundo de igualdade, semeando pelos campos, o amor. Serei Pablo Neruda, serei Ernesto Che Guevara, serei Violeta Parra, serei o poeta Ho Chi Minh. Serei um guarani, ou tupi. Serei, serei, serei, Liberdade<sup>2</sup>”. Revolucionária, a liberdade é tão singular quanto coletiva. Como expressão do indivíduo ela é sinônimo da especificidade: somos entidades únicas; como manifestação da coletividade ela é a soma das diferenças que faz florescer a diversidade: somos um só ecossistema. Poeta por vocação, Mateus materializa o sentimento da liber-

dade em sua canção, sonhador, concebe o Afrobarroco como um gesto de libertação da consciência do povo brasileiro. É da necessidade de equilíbrio das forças sociais que nascem os seus projetos.

2. *Liberdade. Autor: Mateus Aleluia*

O Afrobarroco vem sendo realizado desde 2004 em forma de espetáculo pedagógico musical. No palco Mateus, os músicos e historiadores convidados vão navegando entre provocações, canções, favorecendo o surgimento de um ambiente de debate até que a separação palco/platéia se desfça. As questões colocadas giram em torno da história do país e da nossa formação sócio-cultural. Quando compartilha dados de pesquisas que vem realizando ao longo dos últimos 50 anos, Mateus não o faz como quem oferece ao público um prato pronto. Como bom cozinheiro que é ele sabe que há mais mistérios entre a receita e o fogo do que julga nossa vã pedagogia. Observar a transformação lenta, alquímica, dos elementos que ele pôs à mesa a partir de uma chama sustentada pela contribuição de todos, se traduz como um verdadeiro gesto de aprendizado.



Há registro de uma apresentação do Afrobarroco em palestra musical na cidade de Santo Amaro da Purificação que durou cerca de 5 horas, e duraria mais, caso o espaço não tivesse limite de horário para o fechamento. No ano de 2007<sup>3</sup> o espetáculo ganhou uma versão para a televisão pela TV Educativa da Bahia. Realizada em diversas cidades e estados do país, a palestra musical muitas vezes se destinou ao público es-

tudantil, semeando entre os jovens o desejo de conhecer mais sobre aspectos ainda não contados de uma história que nasce ao rés do chão do Brasil e que tem a cara do povo brasileiro: suas astúcias, misturas, invenções, dilemas, encantamentos. Foi nessa direção que Mateus apontou quando concebeu o Afrobarroco em palestra musical como forma de dar cumprimento à Lei 10.639/03 (depois complementada pela Lei 11.645/08) que obriga o ensino da história da África e dos povos indígenas no currículo escolar de todo o país.



3. O especial "Afrobarroco em palestra musical" está disponível no Canal do Youtube da Sanzala Cultural.

Ao longo dos últimos anos o Afrobarroco foi se desdobrando. Além da palestra musical, apresentou-se como "O canto dos recuados" em forma de narrativa sonora<sup>4</sup>; foi concebido como uma série audiovisual para contar a história da independência do Brasil na Bahia a pedido da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; e finalmente foi pensado como um programa que abriga diversas linguagens artísticas na produção de conteúdos de suporte ao processo de formação, seja ele formal, através da escolarização, ou através de métodos de formação complementar. Este programa está por ser realizado. No ano em que comemoramos o centenário de Milton Santos, o afrobarroco mate-

rializa-se como parte do esforço contínuo de edificar, nas consciências, a noção de humanidade: expressão de múltiplas singularidades não mais alienadas pelo violento exercício do poder.

Neste sentido é que este livro, idealizado por Mateus como ferramenta de transformação social, encontra sentido nas perguntas que poderá fomentar em cada um dos seus leitores. A pro-

*4. Podcast "O Canto dos Recuados - O Afrobarroco em palestra musical" em série de 05 episódios disponível no Canal do Youtube da Sanzala Cultural*

posta, radicalmente inclusiva, propõe abandonar-mos a gramática identitária que vai definir o outro, a diferença, como algo indesejável, para olharmos de modo inclusivo tudo o que emerge dessa grande encruzilhada chamada Brasil. Reivindicar modos de conhecer centrados na potência de invenção que caracteriza nossa realidade sócio-cultural significa negar os limites impostos pelo processo colonial, inaugurando novas possibilidades não só para o

futuro que se constrói no presente, mas, sobretudo, nos possibilitando um retorno diferente ao passado.

Se somos manifestação do eterno recomeço, uma expressão da “vida na ânsia de si mesma<sup>5</sup>”, o que nos cabe, no curso histórico de nossas vidas, talvez, seja colaborar com a afirmação da multiplicidade que engendra mais vida - e que contra os projetos totalitários de exclusão se insurge. Tomar posse de tudo o que somos nos ajuda a caminhar de modo integral, ampliando nosso entendimento na direção do novo, de onde há de surgir o ser humano nobre: em espírito e vocação.

5. “Vossos filhos não são vossos filhos, são filhos e filhas da vida na ânsia de si mesma”. *Passagem de Khalil Gibran citada por Mateus Aleluia.*

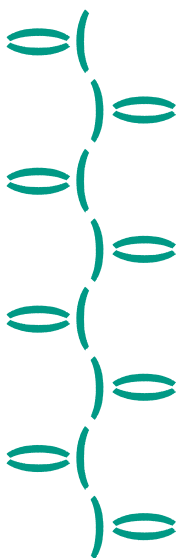
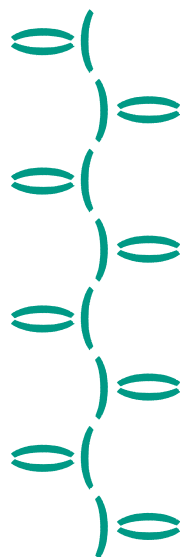








# SOMOS UMA GRANDE FLORESTA



Quando chegamos aqui no recente criado MUNDO, nós seres humanos, seres viventes, criaturas, já encontramos tudo feito.

A criação - o movimento dos elementos: terra, ar, fogo, água: a terra se movimentando, o ar uivando, o fogo crepitando e a água na sua constante ondulação envolvendo tudo que existe - e ela existindo também dentro de tudo.

Após todo esse movimento é que veio a criatura humana... o ser vivente..

Toda narrativa religiosa, venha de que hemisfério vier. diz que o homem surgiu neste cenáculo da criação do mundo - cenáculo da gênese depois que estava tudo criado. Assim surgiu o homem na Terra!

O homem - o ser vivo, a criatura humana, ao chegar aqui nessa dimensão, ao pisar na terra, ao sentir o frescor da água, ao ser envolvido pelo bafejar do ar, acariciado pela ameno aquecer das chamas, então viu que era tudo agradável. O ambiente apesar de agradabilíssimo era desconhecido à criatura, a qual desconhecia a si mesma.

Quem era?

De onde vinha?

Porque estava aqui?

Talvez seja aí que vem a necessidade de agradecer (mesmo ainda sem a noção do agradecer), de se curvar para tudo o que estava sendo revelado - e o ser humano de antanho sentia que ainda viriam outras revelações!

Acreditamos que dessa inexplicável pausa do pensar, mas como uma forma pura e simples de sentir agraciado, totalmente sem intenção, nenhuma intenção, somente estar agraciado, intuitivamente ele agradece sem saber o porque ou a quem!



Presente está no agradecimento, que reconforta, energiza, orienta. Isso é o que Nós entendemos ser o culto. É o “RELIGARE”. É você tentar entender o princípio do surgimento do homem: de onde viemos, porque aqui estamos, para onde vamos?

Quando saímos do útero de nossa mãe, quando fomos paridos e aqui chegamos, aterramos: paridos fomos sem saber de onde viemos. Numa forma totalmente intuitiva, de uma intuição que foge aos princípios de entendimento, buscamos entender como é que estamos aqui.

O que viemos fazer?

A quem nos devemos dirigir?

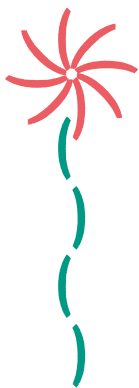
Espaço para pensar!

Quando a criatura humana percebe que existem outras pessoas iguais a ela (talvez ela não faça essa pergunta intelectualmente), intuitivamente ela sabe que são pessoas iguais a ela e que devem estar na mesma dúvida. Dúvidas conscientes e dúvidas totalmente inconscientes. A necessidade de se unir a outros elementos, a outras criaturas viventes iguais a ela, consideramos que esse ato, esse impulso é o culto.



O culto possivelmente é o RELIGARE.

RELIGARE é a forma consciente - ou não - que o homem se dá ao privilégio de se dirigir à uma Força que ele acredita que seja responsável pela criação de tudo quanto existe, inclusive: **HOMEM: O ANIMAL QUE FALA**. É você, és tu, em busca do espaço que você desconhece, mas que sempre almeja: de onde você saiu e para onde você quer voltar. Mas como não se recorda do espaço de onde veio... do impasse, da indecisão, surge o medo - receio de voltar!



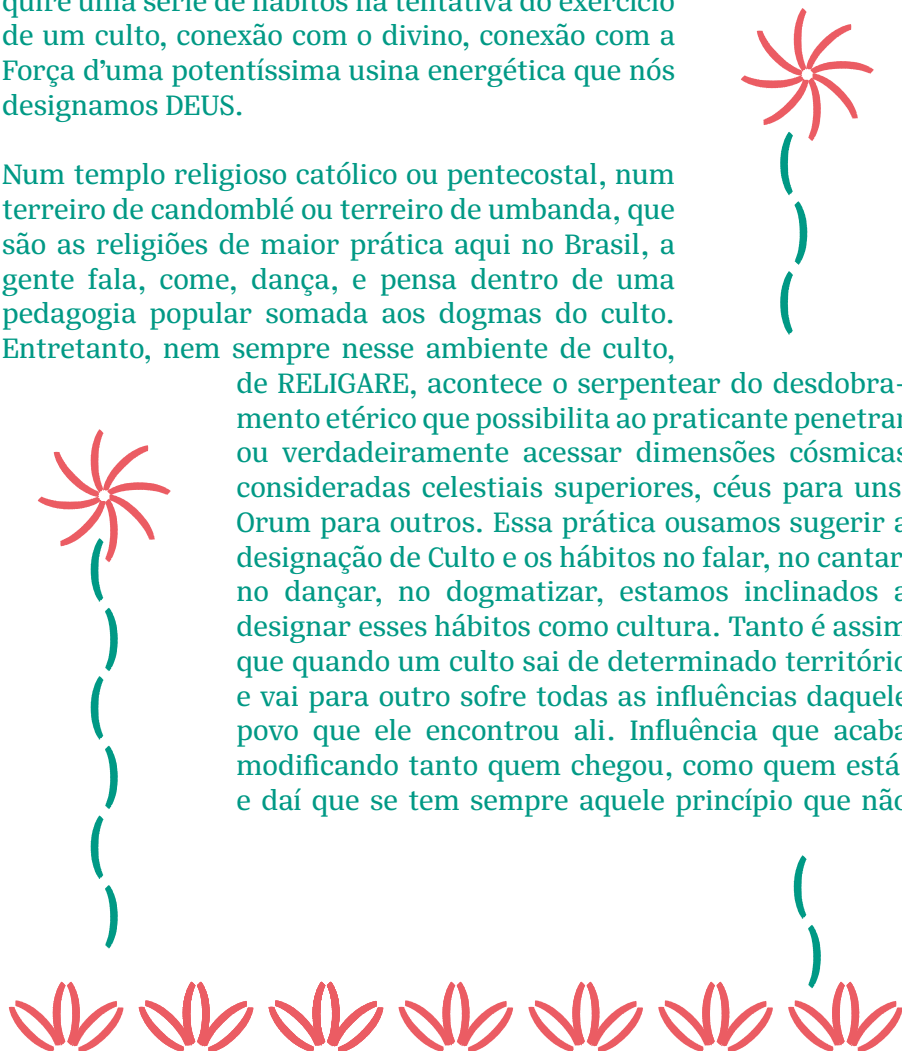
Que impasse indefinido do pensar - curioso! Estar num espaço além ou aquém, estar algures, num espaço algures onde achas que nas nebulosas do tempo dimensional é teu lugar, teu lugar de origem, porém... tens receio de que? A série de hábitos criados nessa tentativa de RELIGARE ousamos dizer que é a cultura.



Em um espaço de convívio social, juntamente com outras pessoas de linguagem vivencial comum, num convívio onde tem cânticos de exaltação, cânticos de meditação, onde sob uma orientação previamente designada há pregações filosóficas, teológicas, esotéricas - você juntamente com todos os convivas adquire uma série de hábitos na tentativa do exercício de um culto, conexão com o divino, conexão com a Força d'uma potentíssima usina energética que nós designamos DEUS.

Num templo religioso católico ou pentecostal, num terreiro de candomblé ou terreiro de umbanda, que são as religiões de maior prática aqui no Brasil, a gente fala, come, dança, e pensa dentro de uma pedagogia popular somada aos dogmas do culto. Entretanto, nem sempre nesse ambiente de culto,

de RELIGARE, acontece o serpentear do desdobramento etérico que possibilita ao praticante penetrar ou verdadeiramente acessar dimensões cósmicas consideradas celestiais superiores, céus para uns, Orum para outros. Essa prática ousamos sugerir a designação de Culto e os hábitos no falar, no cantar, no dançar, no dogmatizar, estamos inclinados a designar esses hábitos como cultura. Tanto é assim que quando um culto sai de determinado território e vai para outro sofre todas as influências daquele povo que ele encontrou ali. Influência que acaba modificando tanto quem chegou, como quem está, e daí que se tem sempre aquele princípio que não





existe cultura estática: ela está sempre em movimento. Porque nós sempre nos somamos com outros que chegam - é o entendimento de colonização cultural. Quando o colonizador, dentro da semântica do tempo induz ao colonizado seu comportamento do dia a dia, e dentro de passadas fases da Lua está o colonizador com o comportamento do então colonizado!

## **Exemplos:**



**Igreja Católica Brasileira X Igreja Católica Apostólica Romana X Igreja Ortodoxa Grega X Igreja Ortodoxa Russa X Igreja Copta (vários comportamentos culturais para uma só forma de cultuar).**

**Culto para Orixá na Nigéria X Culto para Orixá no Brasil**

**Culto para Vodun no Benin X Culto para Vodun no Brasil**

**As divindades dos povos indígenas x As divindades do candomblé de Caboclo**

## “ A NATUREZA TEM LEIS, O HOMEM TEM MORAL”



Nós colonizamos e não percebemos que quando colonizamos nós estamos sendo também colonizados. Essa fusão é interessante. Dentro disso o Afrobarroco seria então uma cultura que parte de um princípio natural, cósmico, universal – que vem do universo. A cultura é como uma floresta, como o oceano, os mares, os rios.

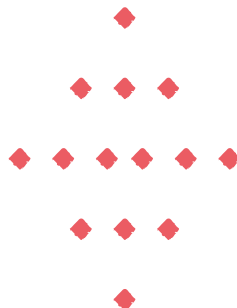
Não podemos ter e não temos uma floresta só de uma determinada espécie vegetal. Uma espécie de fauna e uma espécie de flora. Não! Uma floresta só de frutas? Não! Uma floresta só de baobás, de sapotis, nbondeiro? Não! Na floresta tem árvores que dão fruto, também tem árvores que não dão frutos, e elas se entendem desde sempre, dentro do entendimento, obedecendo as regras da Lei Natureza.

Não podemos ter, e não temos, um Oceano, um mar ou rios só com uma qualidade de peixes, moluscos, crustáceos. Eles vivem desde sempre dentro das regras do entendimento, obedecendo as regras da Lei da Natureza.



## “ A NATUREZA TEM LEIS, O HOMEM TEM MORAL”

Um velho ditado que eu aprendi em Angola diz: quem tem competência se estabelece. Fica uma pergunta: o que é o estabelecimento? Talvez o estabelecimento seja você entender a natureza. Receber a orientação dela, não se preocupar muito como as coisas vão, porque as coisas sempre vão, porque a natureza tem leis. A natureza não é boa, não é má. Ela é. Natureza é natureza.



Se você a respeita, se você se abandona de forma honesta, sem pretensão, nas ondas da natureza, certamente ela lhe dará as dicas do convívio natural. A natureza lhe indicará suavemente sem imposição qual o caminho que você deve seguir. Mas para a natureza segredar alguma coisa a alguém creio ser necessário que esse alguém tenha conquistado a confiança da Natureza, porque nós Seres Vivos só confiamos segredos à pessoas de nossa estreita confiança. Acreditamos também que a Natureza só confiará alguns pequenos segredos seus àquelas pessoas quem merecerem sua confiança.

Certamente a natureza terá inclinação a partilhar pequenos segredos com aquele Ser Vivo que a Natureza entenda que não vai aproveitar das pequenas revelações para ter domínio sobre outros Seres Vivos - mas que usufrua da partilha da natureza para promover o verdadeiro entendimento entre os Seres Humanos. Não é ser protegido pela natureza. É ser entendido e entender.



A folha quando tem que cair, ela cai. Não há reza da árvore para que a folha não caia, não. Não há condição do galho não envelhecer. O tronco ficar daquela maneira de ser digamos assim, invadido por bichinhos... Entendamos: processo natural da vida? A continuidade de tudo isso depende deste entendimento.

É como dentro de nós, existem várias coisas - é dentro desse conflito que a gente existe. Agora como harmonizar tudo isso? Como é que a natureza harmoniza tudo isso?

Como o Afrobarroco que chegou antes de eu ter consciência que eu o observava.



Hoje em dia, talvez eu não seja tão Afrobarroco quanto era antes de ficar falando Afrobarroco. Eu fico olhando bem como eu era, eu era realmente Afrobarroco. Hoje eu sou uma narrativa. Eu tento me recordar com exatidão e é possível que eu não recorde de tudo como era, mas quando eu me recordo da forma como eu dormia... embalado pelo som do candomblé. O candomblé era tocado de noite porque era proibido, até hoje ainda se toca mais à noite, isso ficou assim.

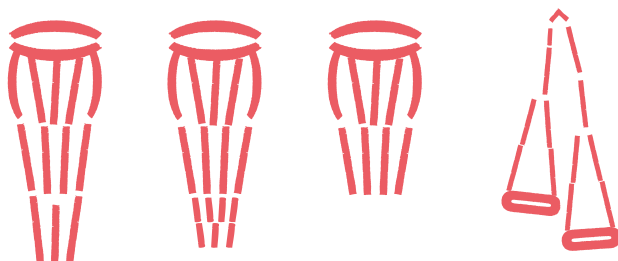


À noite era aquela permanência sonora no ambiente onde eu nasci e me criei até a idade de ter compreensão era lá que eu estava: Cachoeira. Vale do Paraguaçu. De um lado Cachoeira do outro lado São Félix. O que separa as duas cidades é o Rio Paraguaçu. Aquele majestoso Vale do Paraguaçu...! Uma cabaça, um útero – local onde todos Nós nascidos no Vale do Paraguaçu fomos germinados. Tudo ali ecoava. Não tinha toda essa poluição sonora de carro, de rádio. Esse som alto que tem hoje em dia, não havia nada disso.

Os atabaques, o Rum, o Rumpi, o Lé e o Gã quando começavam a bater se ouvia no vale todo. Fosse a pessoa do candomblé ou não todo mundo a partir de determinada hora começava a receber aquela sonoridade. Receber pelos canais da espontaneidade. Mesmo quem não era do candomblé gostava porque aquilo era som. Som mântico, não é um som qualquer,... é um som mântico.



## Instrumentos: Rum – Rumpi – Lé – Gã!





Todos nós habitantes do Vale do Paraguaçu éramos educados na compasso cadenciado dos instrumentos do candomblé, que funcionavam e funcionam como manto sonoro - base para acompanhamento dos cânticos em louvor às entidades que ali se encontravam, traduzindo-se em uma simbiose de existência entre as dimensões.

Em Cachoeira temos essa condução sonora e rítmica do candomblé dentro da gente. Pela manhã éramos despertados pelo sino da igreja católica que acordava a população para a missa. Após o toque de despertar do sino, alguns minutos após, a sonoridade do órgão (como se fosse o orvalhar sonoro do início da manhã) inundava todo o vale. E em complemento a esse movimento de inclusão humana através da espontaneidade cultural da arte presente está o pulsar indígena nos hábitos nossos de cada dia - visivelmente traduzidos na maniçoba que até os dias de hoje nos deliciamos, na cultura da mandioca, do milho, na junção dos rituais indígena/



africano (candomblé de caboclo), no vasto vocabulário indígena absorvido pela nossa linguagem hoje oficial e que poucos de Nós temos conhecimento que essa ou aquela palavra vem das variadíssimas nações indígenas desse nosso Brasil.



No passado que eu vivia essas coisas eu não tinha essa noção que hoje em dia tenho. Não tinha essa narrativa. Eu apenas era! Olha só! - Sonhem com uma época num espaço!

Acho interessante esse vaguear no tempo.



Nessa época? Eu era Afrobarroco sustentado na base natural da Terra que era indígena! O autóctone! O natural! Hoje, creio ser, vejo-me em uma narrativa do que narro, do que narramos. Sou o que Somos: uma explicação. Explicar o inexplicável – que drama.

Criamos as perguntas... porque? Porque nós criamos as narrativas:?

Porque tem que haver narrativas.

Outrossim temos que viver com tudo isso que narramos de uma forma doce, amena, sem conflitos... sem querer provar muito.

**Exemplo:** Apenas eu penso assim e você pode pensar diferente. Vamos respeitar.

O Afrobarroco veio, vem, da necessidade de sentir saudade do terraço onde andávamos, das piculas, de brincar capoeira, saudade de como éramos. Lembrar de momentos alegres sem fingir felicidade, simplesmente estávamos bem!

**Filosofia das filosofias:**

**o mestre  
lava os pés  
dos seus  
discípulos!**

Quando eu senti a necessidade de falar do Afrobarroco como uma condução na educação, pensei na tentativa de voltar a ser o que eu era. Quando eu nem tinha conhecimento que isso é que era bom, ou que aquilo é que era bom. Eu não precisava dizer quem eu era porque de forma significativa eu era. O que era (Sou) estava no meu fazer, no meu estar, na minha forma. Não tinha dúvidas. Ninguém me perguntava nada. Bastavam me olhar e saberiam que sou. Bastava também eu olhar para as pessoas e eu sabia como cada um era porque cada um era - Um - que convivia com cada um todos os dias.

E pensar o Afrobarroco na educação veio da lei federal que orienta o estudo da história da África, a Lei 10639/2003 e em 2008 veio a Lei 11.645/2008 reforçando a outra lei. Eu estava recém-chegado de Angola e então disse: "Que maravilha, até que enfim apareceu uma lei e é federal". Nada melhor agora do que a gente realmente tentar fazer com que essa lei seja aplicada.

**Cumpre-me observar que, para a gente voltar a ser o que a gente almeja ser é necessário descolonizarmos culturalmente a nossa mentalidade, e essa descolonização cultural só poderá ser alcançada através da educação. É imperativo que reestruuremos nossa forma de educar.**

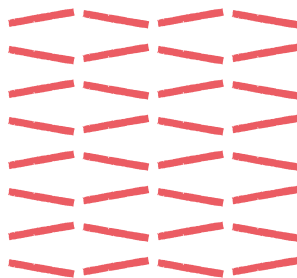
## EDUCAI AS CRIANÇAS E NÃO SERÁ PRECISO PUNIR OS HOMENS<sup>6</sup>

Toda nossa educação ainda é baseada nos padrões pedagógicos europeus, circunstância que nos leva a esquecer quem somos dentro da nossa perspectiva de herança cromossômica. Tendo a não aceitar esta tentativa - consciente ou inconsciente - de me distanciar de mim, dificultando meu acesso a mim mesmo através do exercício programado da nossa colonizada educação. Considero que não é salutar educar um Ser Vivente com métodos que lhe dificultem sonhar consigo mesmo em outras existências fora desta nossa existência tri-dimensional. Não é bom para a criatura humana, seja ela quem for, esquecer o pensar como antes de nascer. Isso não é bom!

A Lei de 10.639/2003 e a lei 11.645/2008 orientam pedagogicamente mecanismos que nos conduzem a estudar a história da África e a história dos povos indígenas em uma tentativa de restaurar nosso equilíbrio psicossomático, uma reparação dos danos causados com uma orientação que não considerou a pluralidade da composição étnica do Brasil como um todo. Sugerimos uma ação pedagógica que tenha em consideração a amálgama sócio, étnica, política, religiosa identificada no componente humano do brasileiro de forma abrangente, e da forma que convivemos no Recôncavo da Bahia - onde se tem a presença do indígena naturalmente bem forte, a presença do negro bem assentada em convivência com cultura europeia.

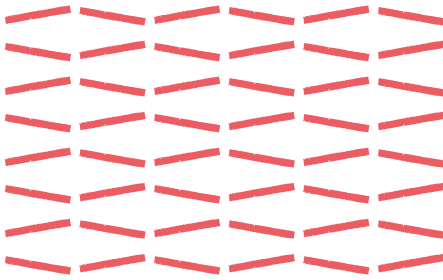
*6. Frase atribuída  
ao filósofo grego  
Pitágoras, 500 a.C*

Eu vejo o viver Afrobarroco como uma ideia necessária para o exercício continuado do AFROBARROCO em PALESTRAMUSICAL, através de um programa chancelado pelas instituições oficiais de educação de cada município sob chancela do MEC – numa orientação pragmática e programática de política de estado – considerando que só através da educação poderemos construir uma sociedade consciente dos seus direitos e dos seus deveres.



Acreditamos na implementação de mecanismos educacionais que conduzam a juventude brasileira e seu povo no geral a questionar e entender o lugar do brasileiro na formação do POVO BRASILEIRO dentro do triângulo étnico-caboclo que compõe a geografia humana desse nosso Brasil.

O Afrobarroco sugere o início de um movimento de inclusão de todas as criaturas viventes que tenham nacionalidade brasileira. O Afrobarroco não é uma proposta que se predispõe ao pensamento contornado que para sua execução torna-se necessário utilização de linguagens de contorno em que se sobressai a hegemonia estruturante europeia. O Afrobarroco não é uma proposta que se predispõe a colocações revanchistas; considerando sobretudo que, na pauta do Afrobarroco sempre vai haver cobrança por leis de reinserção social, indenização moral e não só – pelos séculos de escravidão dos povos das etnias negras d'África, e nós seus afro-descendentes, ressaltando também os povos indígenas que foram tratados como estrangeiros e marginalizados em sua própria terra.



O Afrobarroco é uma proposta de convivência inclusiva sem distinções e propõe um diálogo construtivo que conduza a mentalidade do povo brasileiro a não pautar ela com dicotomia, respeitando os valores de cada um que contribuiu para que o Brasil seja o que é.

Defendemos o princípio ou sonhamos que o Brasil, como historicamente é narrado, começou na Baía de todos os Santos. A partir da Baía de todos Santos é que vem, posteriormente, a Bahia com H - Estado da Bahia. Baía Profunda, não é a Bahia, com H - o Estado. Baía Profunda é a baía com i, baía acidente geográfico.

Baía de Todos os Santos, de todos os Orixás, de todos os Inquices, de todos os Voduns, de todas as entidades espirituais que vieram de onde tenham vindo, para esse magnânimo acidente geográfico, para tornar este um espaço de inclusão. Um espaço de convívio entre aqueles que num passado próximo ou distante foram inimigos e que nessa BAÍA com I têm a possibilidade de enxergar as arestas que os separavam e separam, polirem essas arestas para a necessária contribuição de todos, para a reestruturação do destino desse magnífico espaço batizado por BRASIL.

A Bahia pode mudar mas a Baía de Todos os Santos não muda. Entre quem entrar saia quem sair - a Baía de Todos os Santos está. Ela por si só se basta! Como quem diz: Sou a pedra de esquina para a preservação de Nós mesmos! Somos.

O Afrobarroco é uma forma de divulgação dessa antiga novidade, porque é tão antiga essa coisa aco-plada assim, mas que para gente é uma novidade.



**Porque temos  
resistência em  
saber o que  
verdadeiramente  
somos?**

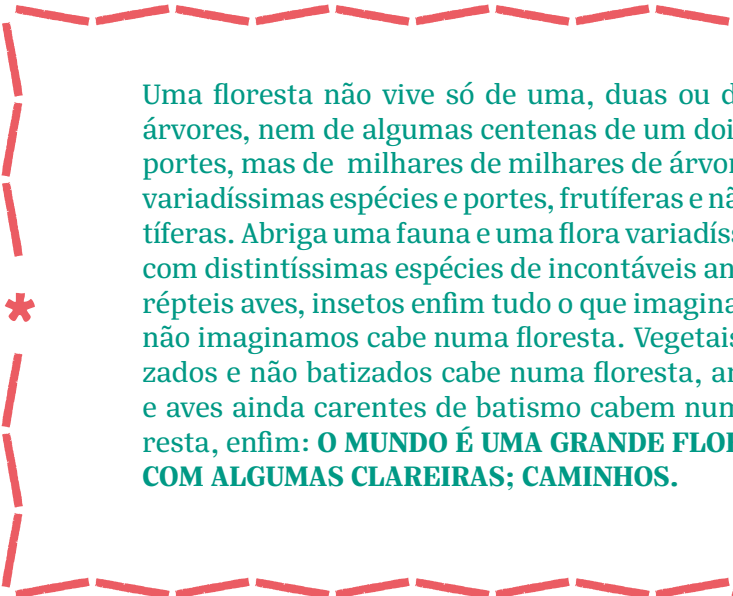


Volto a afirmar:



**Somos  
uma  
grande  
floresta.**



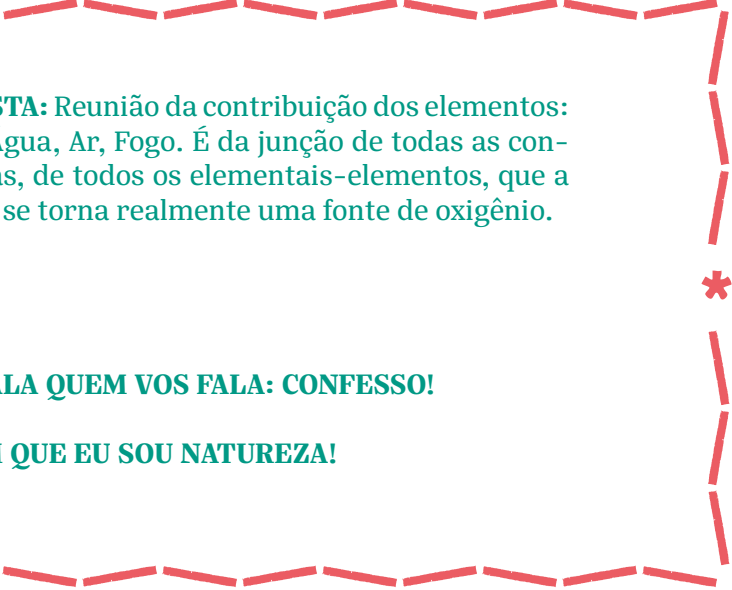


Uma floresta não vive só de uma, duas ou de três árvores, nem de algumas centenas de um dois, três portes, mas de milhares de milhares de árvores, de variadíssimas espécies e portes, frutíferas e não frutíferas. Abriga uma fauna e uma flora variadíssimas, com distintíssimas espécies de incontáveis animais, répteis aves, insetos enfim tudo o que imaginamos e não imaginamos cabe numa floresta. Vegetais batizados e não batizados cabe numa floresta, animais e aves ainda carentes de batismo cabem numa floresta, enfim: **O MUNDO É UMA GRANDE FLORESTA COM ALGUMAS CLAREIRAS; CAMINHOS.**

**FLORESTA:** Reunião da contribuição dos elementos: Terra, Água, Ar, Fogo. É da junção de todas as convivências, de todos os elementais-elementos, que a floresta se torna realmente uma fonte de oxigênio.

**AQUI FALA QUEM VOS FALA: CONFESSO!**

**SAIBAM QUE EU SOU NATUREZA!**









# O QUE É O AFROBAR- ROCO?

O AFROBARROCO pretende estimular a classe estudantil, o povo brasileiro geral e o povo de recôncavo baiano em particular - onde em 2003 surgiu o embrião desse conto cantado - a estudar a contribuição dos vários povos que deram o seu contributo para a consolidação do perfil político-cultural caboclo, símbolo da independência do Brasil na Bahia, e amálgama dos povos intervenientes na gestação do povo brasileiro.

**Bandeira branca  
trago num pau forte,**

**trago no peito uma  
estrela brilhante**

**e quando entro  
nessa casa santa**

**trago no peito a  
espada do guerreiro**

**Sindorerê.....**

**Sindorerê parente  
meu**

**Sindorerê Deus é  
mais do que tudo**

**Sindorerê nada  
mais do que Deus!**

Independente da ancestralidade étnica, religiosa e ideologia política, o afrobarroco põe à discussão que o Brasil antes de 1500 era uma extensão continental de terras com povoamento de várias etnias indígenas, e com a chegada dos portugueses e posteriormente a vinda dos africanos trazidos escravizados o quadro da composição humana desta terra - de extensão naqueles tempos ainda desconhecida - paulatinamente foi adquirindo perfil de entrelaçamento de povos através da presença dos indígenas, dos africanos (de locais distintos d'África) e dos portugueses.

O português começou a estabelecer-se com um poderio militar e comercial, alijando à condição de vassalagem algumas tribos indígenas, outras à condição de escravizados, e outras à condição de povos rebeldes, os quais foram sendo dominados em suas próprias terras, assim, paulatinamente, as terras de pertencimento dos indígenas iam passando a ser propriedades dos portugueses.

**Ó manhã de sol,  
Anhangá fugiu  
Anhangá ê ê  
Ah!, foi você  
Que me fez sonhar  
E chorar a minha  
terra<sup>7</sup>...**

Entretanto, apesar dos portugueses usufruírem e comercializarem internacionalmente as riquezas deste novo domínio, ainda não se fazia sentir aqui a sua cultura. A ausência da vida cultural portuguesa deixava patente que esta não era uma terra pertença de Portugal, e sim, uma terra que estava sendo usurpada por Portugal em detrimento dos seus verdadeiros posseiros.

7. "Canto do Pajé"  
- composição de  
Heitor Villa Lobos

Grândola vila  
morena

Terra da  
fraternidade

O povo é quem  
mais ordena

Dentro de ti, Ó  
cidade

Dentro de ti Ó  
cidade

O povo é quem  
mais ordena



Terra da  
fraternidade

Grândola vila  
morena

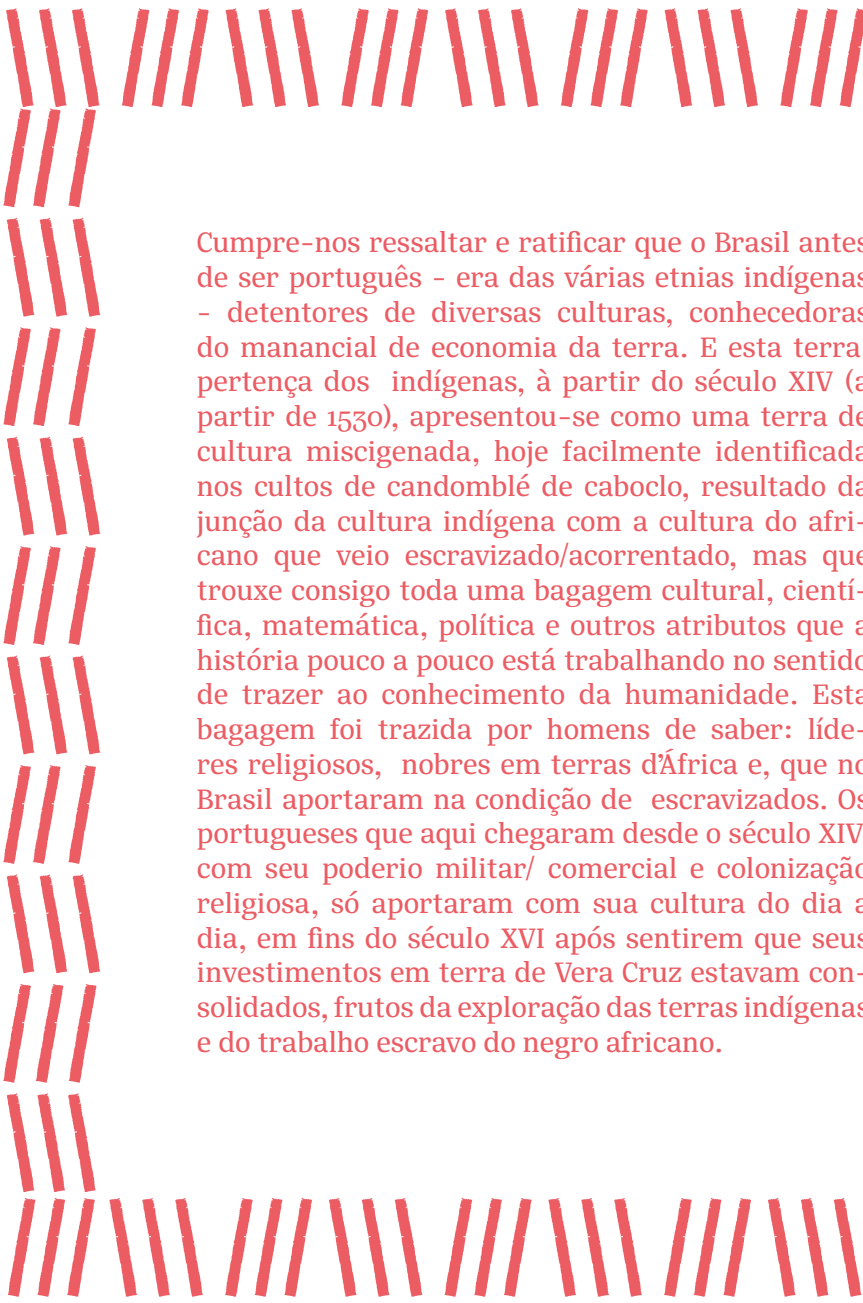
Em cada esquina,  
um amigo

Em cada rosto,  
igualdade

Grândola vila  
Morena

Terra da  
fraternidade<sup>8</sup>

8. Grândola,  
terra morena.  
Poema-canção  
composto por  
José Afonso.

A decorative border made of red diagonal lines, forming a rectangular frame around the text. The lines are arranged in a repeating pattern of three parallel lines on each side.

Cumpre-nos ressaltar e ratificar que o Brasil antes de ser português - era das várias etnias indígenas - detentores de diversas culturas, conhecedoras do manancial de economia da terra. E esta terra, pertença dos indígenas, à partir do século XIV (a partir de 1530), apresentou-se como uma terra de cultura miscigenada, hoje facilmente identificada nos cultos de candomblé de caboclo, resultado da junção da cultura indígena com a cultura do africano que veio escravizado/acorrentado, mas que trouxe consigo toda uma bagagem cultural, científica, matemática, política e outros atributos que a história pouco a pouco está trabalhando no sentido de trazer ao conhecimento da humanidade. Esta bagagem foi trazida por homens de saber: líderes religiosos, nobres em terras d'África e, que no Brasil aportaram na condição de escravizados. Os portugueses que aqui chegaram desde o século XIV, com seu poderio militar/ comercial e colonização religiosa, só aportaram com sua cultura do dia a dia, em fins do século XVI após sentirem que seus investimentos em terra de Vera Cruz estavam consolidados, frutos da exploração das terras indígenas e do trabalho escravo do negro africano.

**Atabaque chora,  
chora também o  
amor em mim**

**Sinto o meu peito  
sangrar**

**Sofro calado sem  
ter jeito a dar**

**Ela vai pra não  
voltar**

**Para o mar**

**E sem saber se é  
amor ou é penar**

**Vi meus olhos  
marejar**

**Atabaque chora,  
chora também o  
amor em mim**



9. Atabaque Chora,  
Composição de  
Mateus e Dadinho  
(Tincoãs)



**Vendo a canoa no  
mar**

**Canto e toco pe-  
dindo a Yemãjá**

**Para um dia ela  
voltar**

**Lá do mar**

**Meu atabaque vendo  
o meu pranto rolar**

**Também se pôs a  
chorar**

**Atabaque chora,  
chora também o  
amor em mim<sup>9</sup>**



Na linha do tempo perdida nas noites dos tempos a África já apresentava ao mundo riquezas científicas, históricas, antropológicas, matemáticas e geométricas inéditas. Homens de saber da atualidade andaram nos conhecimentos apresentados ao mundo por homens africanos genuínos, entre tanto seus nomes (filósofos, religiosos, cientistas, africanos) não são citados como antecessores dos novos descobridores das novidades já descobertas científicas, antropológicas, matemáticas e outras disciplinas necessárias para a continuidade e evolução da espécie.



## Consideramos imperativos citar alguns exemplos como:



### Cerca de 2.000 a.C.

O objeto matemático mais antigo é o bastão de **Ishango** - osso com registros de dois sistemas de numeração. Ele foi encontrado no Congo em 1950 e é 18 mil anos mais antigo do que a matemática grega.

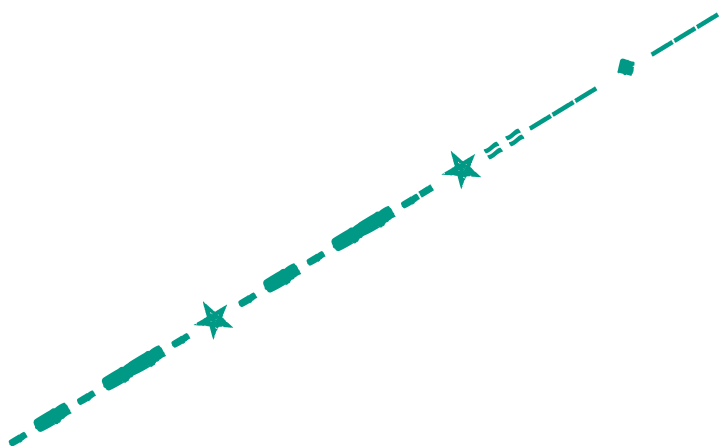


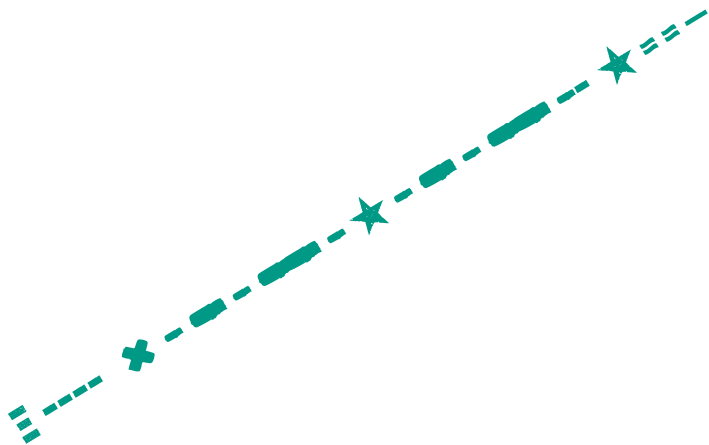
### 3.000 a.C.

O médico negro **Imhotep** é o verdadeiro pai da medicina: ele viveu 25 séculos antes de Hipócrates e já aplicava no Egito conhecimentos de fisiologia, anatomia e drogas curativas em seus pacientes.



Convidamo-los a debruçarem-se atentos para a necessidade do exercício das leis 10.649/03 e 11.645/08 que orientam o ensino da história da África (continente com 54 estados e 05 territórios e 04 ilhas) e da história das nações indígenas no Brasil. É intenção primordial do afrobarroco estimular a todos quanto tenham conhecimento desta atividade a





trabalhar para o estudo de fato da história do continente africano, a história dos povos indígenas brasileiros e inteirar-se do movimento cultural denominado de barroco - para melhor entendermos o perfil psicológico da composição humana brasileira de modo geral.



INDO AFRO BARROCO



A jangada afrobarroca começa  
a velejar... O vento sopra favo-  
rável... e aqui vamos todos nós!  
Nesta viagem estamos juntos.

**Sol, e o luar,  
No meu viver  
Por sobre o mar...  
Obrigado Sol  
Obrigado Lua  
Por meu viver,  
sobreviver, no mar<sup>10</sup> ...**

Na nossa vivência imaginária mas *10. Soluar. Com-  
posição: Mateus  
Aleluia*  
real voltamos ao coração da África  
... Do Rio Nilo ao Rio Kwanza, ve-  
lejaremos! Do Rio Congo ao Lago  
Vitória singraremos as águas,  
às vezes pelas correntezas dos  
rios, visitando córregos, riachos,  
quedas d'águas, cachoeiras...



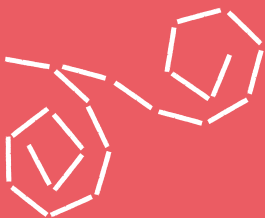


Às vezes daremos um mergulho no solo das savanas e iremos em busca dos lençóis freáticos. Do **SAARA** ao deserto do **NAMIBE**, estendendo os passos aquáticos até **KALAHARI**... Da Costa Atlântica à Costa do Índico pelos lençóis aquáticos jangadaremos. Do **Marrocos** passando pelo **Egito**, fazendo uma visita de alô como vai no **Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Togo, Angola, Camarões, Chade, Gabão, Guiné Equatorial, República Centro-Africana, República do Congo, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Burundi, Comores, Djibuti, Eritreia, Etiópia, Quênia, Madagáscar, Malawi, Maurício, Moçambique, Ruanda, Seicheles, Somália, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue, África do Sul, Botsuana, Essuatíni, Lesoto e Namíbia.**



**Deslocar-nos-emos nas  
asas do vento!  
Eparrêi Iansã - Oyá**

*11. Oyá Tetê. Com-  
posição: Mateus e  
Dadinho. Os Tincoãs*



**Oya Tetê**

**Oya Tetê, oh Yaba**

**Oya Tetê**

**Oya Tetê, oh Yaba**

**Oya Tetê, oh Yaba ô**

**Oya Tetê, oh Yaba<sup>11</sup>**



Este é o mundo que herdamos com suor e lágrimas... esta é nossa história afrobarroca construída no soar dos tambores nas noites de meditação e transe ritualístico em busca do entendimento de Olodumaré, de Olorum – de NZambi e calculada matematicamente na construção das pirâmides do Egito e da hoje lendária Terra de Cuxe – antiga Núbia... que faz de todos NÓS consciência humana em andamento na busca da Sabedoria, e praticantes em contínuo da alegria de viver!

Aprendemos a ter o que ainda não temos, mas sabemos que também já temos e regozijamo-nos vislumbrando nossa projeção de Vida... vivemos pela fé e com fé.

Nós Somos – os nossos ancestrais e todos os nossos que virão após nós. Nós estaremos no momento da conquista. Vivemos pela fé!

**Vida, quantas voltas  
a vida dá?**

**Vida, quanto ainda  
eu vou caminhar?**

**Vida, te perguntei e  
torno a perguntar**

**Que será? Que será  
de mim?**

**O que será?**

**Vida, leva-me a Ilê e  
fé**

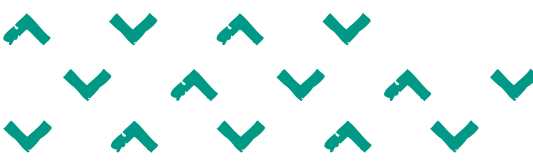
**Vida, vejo vida em  
Ouidah**

**Oh Vida, te perguntei  
e torno a perguntar**

**Que será? Que será,  
de mim,**

**O que será?<sup>12</sup>**

*12. Vida. Composição de Mateus Aleluia*



Somos um povo de Fé... Através da fé que habita em nós e que não entendemos, mas acreditamos no fenômeno. Estamos no Brasil. Este meu Brasil Caboclo Inzoneiro.

**Ouvi você me chamando aqui**  
**Eu vim de longe pra lhe obedecer**  
**Sou um caboclo que só visto pena**  
**Vim mostrar a força que tem a Jurema**  
**Meus camarada, meus camaradinho**  
**Se quer que eu dance, toque um pouquinho!**  
**Se quer que eu dance, toque um pouquinho!**  
**Eu estou aqui com toda minha gente**  
**Saravá aos grandes!**  
**Saravá também aos pequenos!**  
**Agogô e Rum, Rumpi e Lé!**  
**Este é o som do Candomblé!<sup>15</sup>**



*13. Força da Jurema. Composição de Mateus e Dadinho - Os Tincoãs*



Este é o nosso Brasil, esta é nossa  
África, esta é a nossa missão tra-  
duzida em: afrobarroco plantado  
em território indígena – Nós! **O**  
**GRANDE SOLO INDÍGENA! OS**  
**INDO – AFROBARROCOS. Nós!**  
**OS CABOCLOS.**





**Os nosso pés  
se revigoram  
quando pisam  
neste chão**

**Canto a magia,  
danço,**

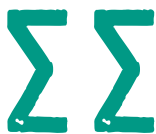
**A Bahia prosada e  
versada no dendê**

**Bahia, eu sou  
África do lado de  
cá**

**Canto, harmonia,  
fé, alegria**

**Senhor do Bonfim  
e o Babá Oxalá<sup>14</sup>**

*14. Bahia, bate o  
tambor. Composi-  
ção: Mateus Aleluia*



Este Caboclo, mistura  
de tudo e todos fez da  
Bahia o mundo que a  
Bahia é!



Esta é nossa Bahia de  
aqui e agora!



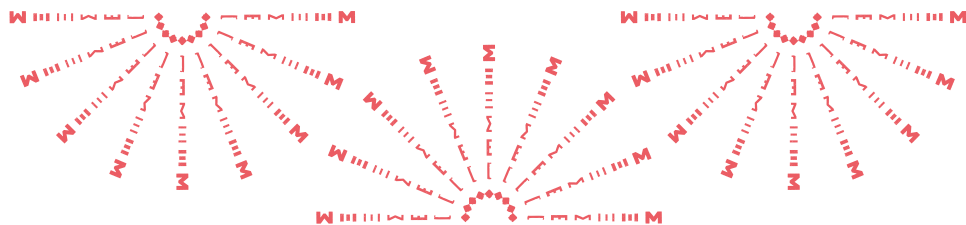
Esta é nossa Bahia de  
sempre!



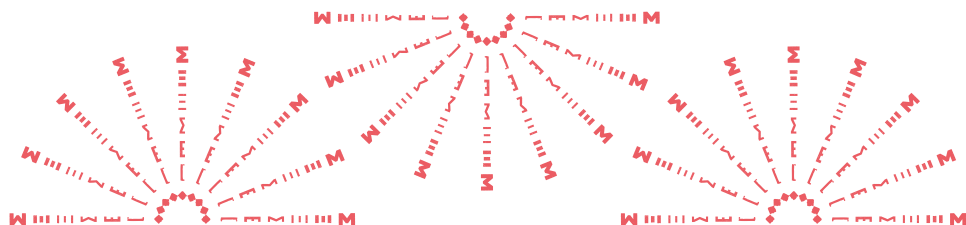








# O BARROCO



O vocábulo *barroco* é de origem portuguesa: significa uma concha de forma irregular.

É importante salientar a relevância da arquitetura no movimento Barroco e que a arquitetura barroca em Portugal foi alimentada por dois fatos:

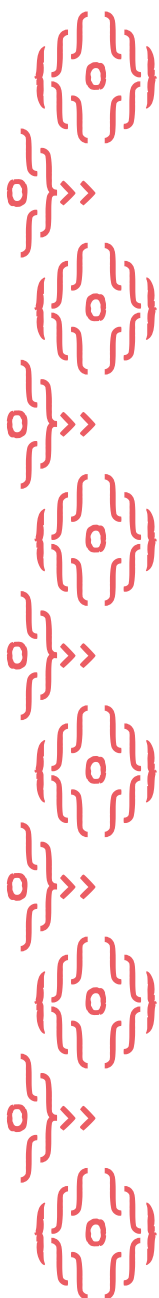
- 1 – A descoberta do ouro brasileiro em 1681;
- 2 – O terremoto de 1755, que destruiu Lisboa e após o qual se deu uma verdadeira febre de reconstrução.

O barroco chegou no Brasil através da expansão portuguesa em terra indígena do Pau Brasil.

# Quanto ao surgimento do Movimento Barroco:

Como observador da natureza, do universo - como um meditador desenfreado, irrequieto sobre o Cosmo tenho a tendência de afirmar que naturalmente o barroco nasceu do barro, derivou do barro. Contudo a estrutura do entendimento intelectual apresenta o barroco como um movimento, posterior aos movimentos do Humanismo e da Renascença e da Reforma (Martinho Lutero) os quais (os movimentos) contribuíram para a perda parcial do poder da Igreja Católica e do Estado. Face a estas ocorrências, e VISANDO MANTER O SEU STATUS AMEAÇADO a Igreja Católica organizou a CONTRA REFORMA, cuja execução estratégica ficou a responsabilidade da Ordem dos Jesuítas fundada por Inácio de Loyola em 1534, que segundo os historiadores da arte, deu origem ao movimento barroco.





***Gloria in excelsis Deo***

***Et in terra pax hominibus  
bonae voluntatis***

***Ut ovis errans perdita***

***Peccato vulnerata***

***Te precor veniam, Pastor  
bone!***

***Kyrie eleison***

***Kyrie eleison***

***Kyrie eleison***

A arte barroca tem como característica: movimentos iguais à maré do mês de março: movimentos contínuos... calma - não muito calma, movimentos sensivelmente incontroláveis. Agitada e às vezes - de vez em quase violenta. O barroco é profundamente profundo, é abertamente aberto, é harmônico em seu descompromisso com regras, e totalmente claro nos seus propósitos.

# Expressões do barroco no Brasil:

**“O CABRA”** Francisco Manoel das Chagas, escultor autodidata negro e alforriado, atuante na Bahia na segunda metade do século XVIII. Reconhecido por obras barrocas de alta carga passional, emotiva, técnica refinada em madeira, é considerado um precursor da "imposição do mulato" (mistura de credos, raças, etnias, intercomposição de tudo quanto existe, que passou a existir na arte brasileira).

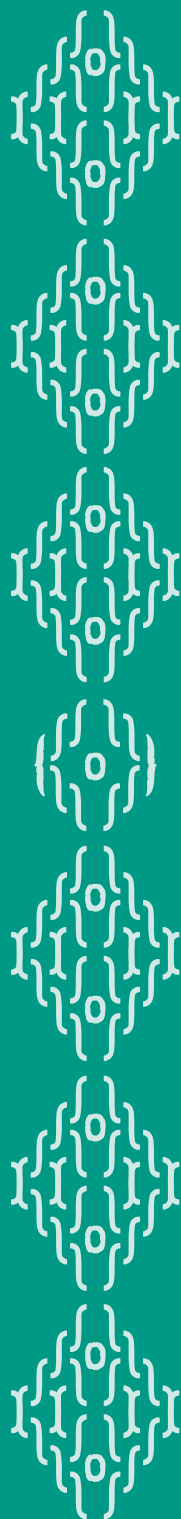
**Estilo:** Suas imagens caracterizam-se pela flexibilidade, leveza das formas e forte expressividade.

**Obras Notáveis:** Cristo Atado à Coluna (principal atração no Museu da Ordem Terceira do Carmo), Cristo Morto (1758), Cristo com a Cruz nas Costas e Senhor Jesus dos Passos.

**Legado:** Comparações feitas por estudiosos colocam-no como um equivalente ao Aleijadinho no contexto baiano, destacando-se pela dramaticidade em suas esculturas de madeira.

**Atuação:** Trabalhou intensamente em Salvador, deixando obras primas em igrejas como a do Carmo.

A produção de "o Cabra" é fundamental para entender a riqueza da escultura religiosa barroca na Bahia.





***Epa Babá***

***Babá***

***Oxalufã***

***Oxaguiã***

***Ajagunã***

***Oxalá***

***Quem me fez foi  
ô babá***

***Quem me fez foi  
ô babá***

***Quem me fez foi o  
babá***

***Epa Babá***

**“O ALEIJADINHO”** Antônio Francisco Lisboa (1738-1814) foi o referência incontestável do barroco mineiro e da arte colonial brasileira. Escultor, entalhador e arquiteto, produziu obras-primas destacando obras como os "Doze Profetas".

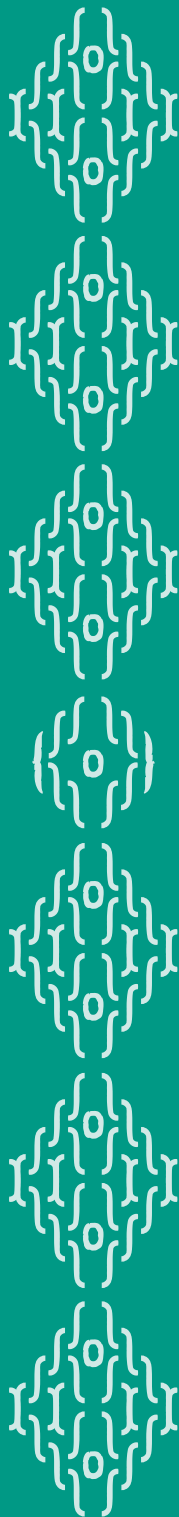
Grande parte da sua produção foi com ferramentas amarradas a suas mãos face a uma doença incurável. Que, como consequência perdeu dedos das mãos e pés.

**Origem:** Nascido em Vila Rica (atual Ouro Preto), era filho de um arquiteto português e uma escravizada, sendo alforriado.

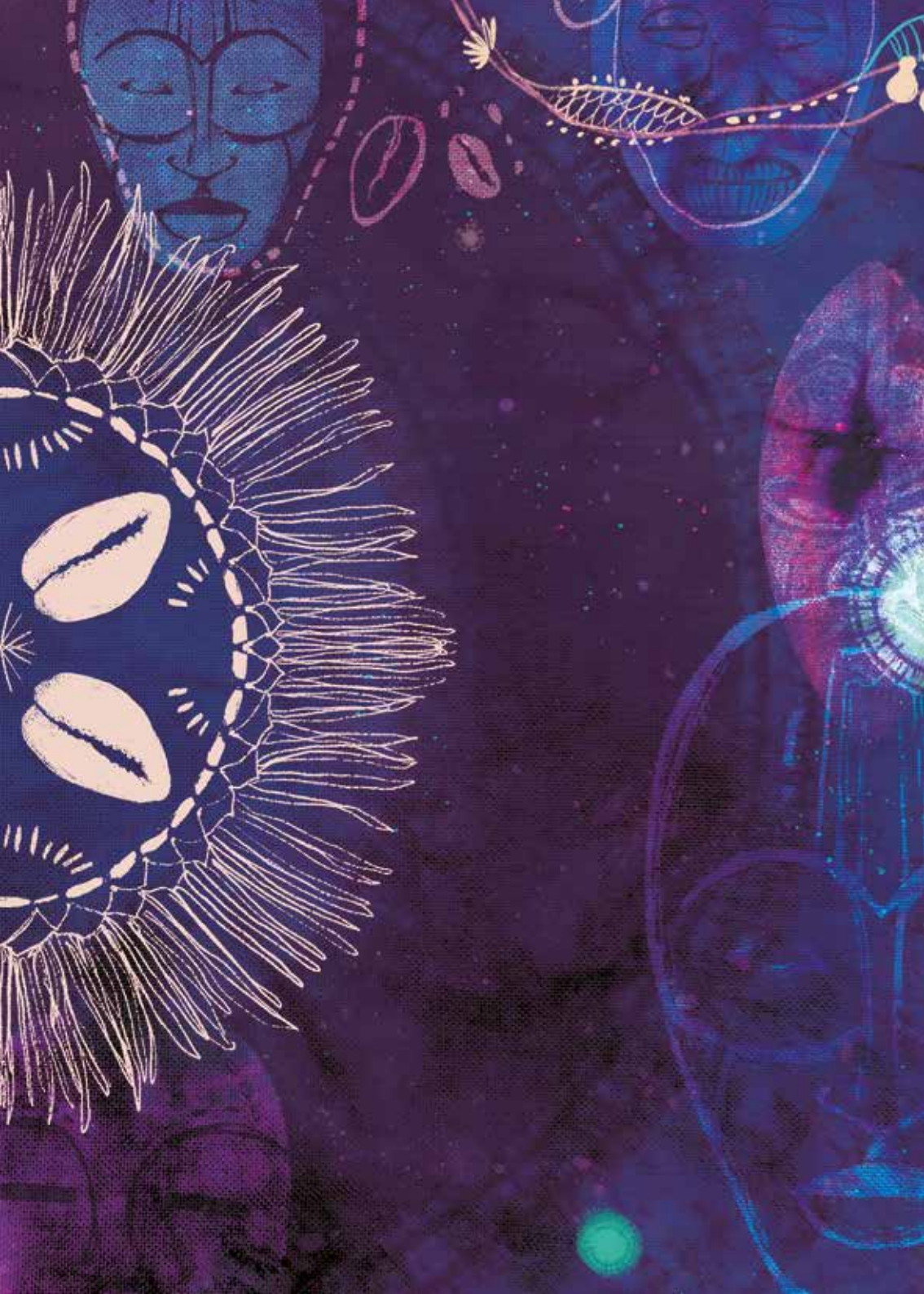
**Estilo:** Sua obra mistura barroco e rococó, destacando-se pelo drama, uso de pedra-sabão e madeira.

**Principais Obras:** Santuário de Bom Jesus de Matosinhos (Congonhas) e Igreja de São Francisco de Assis (Ouro Preto).

A produção de Aleijadinho consolidou-se no auge da mineração, com obras ricas que retratavam a fé e resistência, tornando-o uma figura lendária do Brasil.









# EM BUSCA DO NOSSO LADO BANTO

**S**egundo historiadores essa viagem: Povo Nbanto x Brasil começa com a chegada do navegador português Diogo Cão às margens do Rio (Zaire) hoje Rio Congo. Mbanza Kongo, hoje província de Angola, nos idos 1482 era pertença e capital do Reino do Congo e tinha a etnia Bakongo como identidade étnica.

Remanescente de um passado pulsante, Mbanza Congo ainda ostenta ruínas, monumentos de uma época gloriosa, de uma civilização próspera e sadia. Há sete séculos atrás Mbanza Kongo era uma próspera cidade de ruas bem pavimentadas, com mercados e igrejas.

**Labutando na estrada**

**Rei do Congo vem  
chegando**

**Com sua corte  
engalanada**

**E o povo festejando**

**(Maracatu, maracatu)**

**Ntinga Nzinga virou  
Afonso**

**E seu neto virou bispo**

**Mandado pelo  
venturoso**

**Foi cumprir o seu  
ofício<sup>15</sup>**

*15. Maracatu do Congo. Composição: Mateus Aleluia e Ubiratan Marques*

Passado os séculos, ainda nos dias de hoje constatamos a preservação florestal a preocupação com o meio ambiente de forma espontânea, malgrado a presença do neo-colonialismo exercido por alguns países. Justamente nesse lendário e real Reino do Congo em finais do século XIII, em 1482, o navegador português Diogo Cão encontrou um reino política e administrativamente bem estruturado e dividido em províncias confiadas a sobas (administradores), vassallos prósperos e totalmente independentes.

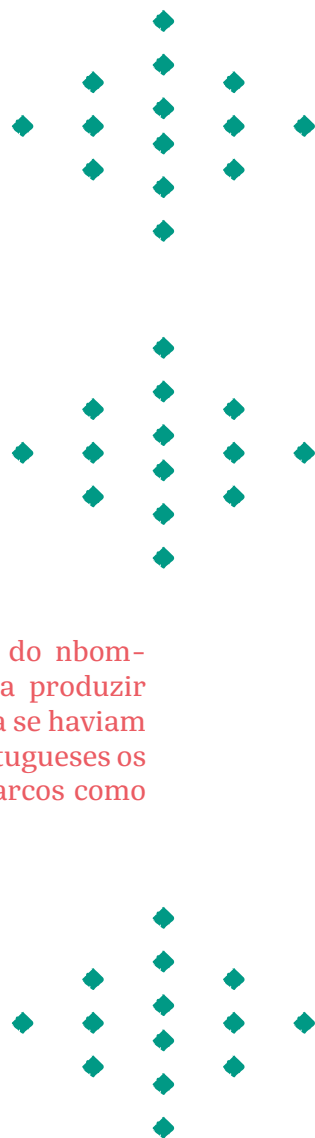
Diogo Cão implantou o seu padrão identitário na margem esquerda do majestático Rio Congo. Em sua chegada ele estabeleceu contatos com os povos ribeirinhos (habitantes à margem ou próximo do Rio Congo) e ficaram sabendo da existência parcial da dimensão daquelas terras. As terras eram relatadas como de dimensões comparáveis à extensão de um país grande de nossa era, pertença do Reino do Congo sob o mandato real do rei NZINGA NKUWU! Diogo Cão como todo bom prospectador de novas terras enviou ao rei da ainda desconhecida civilização mensageiros e presentes, no entanto, não se deteve naquele local – prosseguindo viagem para o sul.

Passadas 15 luas ao voltar à margem do Rio Congo de onde partira trazia ele consigo quatro negros do Congo que havia pego na sua chegada. Neste seu regresso os enviou ao potentado rei já vestidos à portuguesa, bem alimentados e falando, apesar das dificuldades, a língua portuguesa. Esses congoleses ou congueses foram os primeiros embaixadores da civilização portuguesa em terras do Congo.

O rei do Congo ficou boquiaberto ao ouvir da boca dos seus súditos já influenciados pela civilização ocidental notícias precisas a respeito dos estrangeiros, desta maneira é que foram estabelecendo relações amistosas entre portugueses e congoleses. Os congoleses não tinham escrita (eram ágrafos), mas sabiam prospectar e garimpar do solo os minérios de que careciam. Tinham conhecimento de metalurgia, sabiam fundir e moldar o ferro e o cobre, produziam belas cerâmicas, sabiam tecer, apro-

veitando até a casca do nbom-deiro (baobá), para produzir panos e de tal maneira se haviam nessa arte, que os portugueses os utilizavam em seus barcos como panos de velas.

Os agricultores já cultivavam milho, banana, inhame e outros cultivares. Criavam suínos, caprinos, ovinos, galináceos e segundo o africanista André Scohy já realizavam eleições populares naquela civilização, organizando-se embriões de um contrapeso democrático ao autoritarismo feudal.



# Início do colônia- lismo religioso

† † †

† † †

† † †

† † † † † † † † † † † †

† † † † † † † † † † † †

† † † † † † † † † † † †

† † † † † † † † † † † †

Em 1491 o rei Nzinga Nkuwu converteu-se ao catolicismo e adotou o nome de D. João em homenagem ao Rei de Portugal, mas pouco tempo depois retornou à religião de sua ancestralidade (considerada pelos portugueses como paganismo). Ao pedir o batismo Nzinga Nkuwu tinha sido sincero. O rei possuía dois filhos: Mvemba a Nzinga, que após sua conversão ao catolicismo adotou o nome de D. Afonso e o filho mais novo que tinha o nome de Mpanzu a Nzinga que não aceitou receber o sacramento do catolicismo. A nova religião (catolicismo) era severa e impunha a monogamia, coisa difícil de observar pelos congoleses. D. João Nzinga Nkuwu não satisfeito com a imposição dos novos hábitos, pouco a pouco foi dispensando os conselhos dos religiosos que desta forma se viram afastados da corte. Mpanzu a Nzinga, o filho mais novo do Rei Nzinga Nkuwu tornou-se abertamente o chefe de uma espécie de partido de oposição ao colonialismo cultural religioso. D. Afonso Mvemba a Nzinga convertido de coração a nova religião (catolicismo) ao constatar que seu irmão e seu pai estavam enveredando por um caminho religioso cultural que ele não mais aceitava, abandonou a corte e exilou-se voluntariamente na província de Nsundi.



D. João Nzinga Nkuwu, o velho Rei, manicongo, como era chamado, viria a morrer não muitos anos após este acontecimento e em seu lugar assumiria D. Afonso Mvemba a Nzinga que consolidou o cristianismo no reino.







# HISTÓRIA DE ANGOLA

## Estudos arqueológicos – Território de Angola

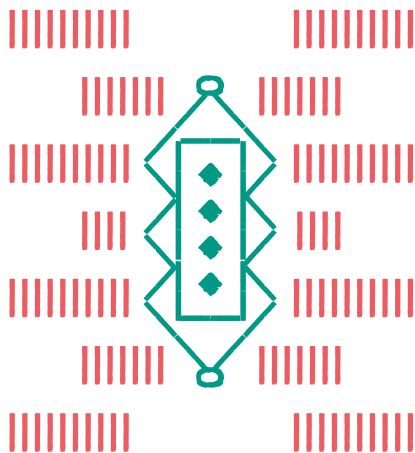
Referência: **ANGOLA: POVOS E LÍNGUAS**

Autores: **João Fernandes e Zavoni Nitondo**



Há doze mil anos passados Angola já era habitada. Há registros dos vários povos que ocupavam nessa época um território ainda sem esta denominação cujo batismo viria a acontecer no século XIV e confirmar-se no século XV: São Paulo de Loanda, atualmente República De Angola.

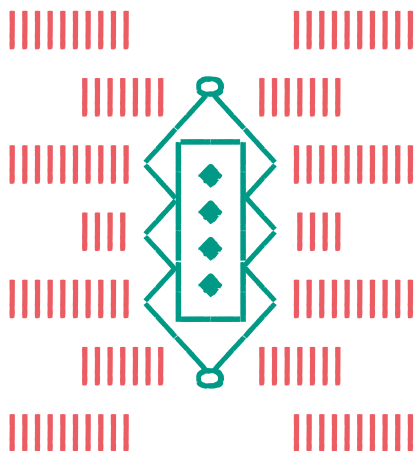
Pela composição do meio ambiente que existe hoje em Angola, poderemos imaginar as variadíssimas espécies que compunham a fauna e flora aquática e terrestre, como também o manancial hídrico ainda sem o descompasso da chamada evolução social. Vislumbramos que deveria haver vários grupos distintos, mas o registro histórico oficial definiu duas designações para os agrupamentos de pessoas que mais se destacaram:



**Grupo Khoisan:** povos não negros

**Grupo Vátwa ou Kuroca:** povos não bantos

*Obs: Se não são bantos, serão sudaneses segundo a classificação dos classificadores europeus autores dessas denominações?*



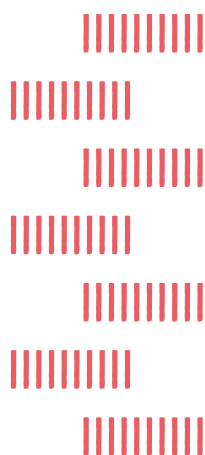


Em conformidade com relatos históricos veio a ocupação do povo banto que resultou na formação de poderosos reinos. Depois de vários milênios passados veio a ocupação portuguesa, assim, Angola hoje vive a coabitação linguística de três famílias com proveniência genética e composição estrutural diferentes:

- **Línguas banto**
- **Línguas africanas não banto**
- **Língua portuguesa**

# Primeiros habitantes:

## 1. Khoisan



Khoisans: remanescentes das populações mais remotas das savanas do extremo sul do continente, habitam atualmente em: Angola, Namíbia, África do Sul, Botswana, Zimbabwe. Os khoisans habitavam em todo território de Angola quando chegaram os primeiros indivíduos negros: os bantos. O khoisan é um povo não banto e não negro, são de estatura pequena, cor da pele castanha, levemente amarelada, seus cabelo crespos formam pequenos tufo e os olhos são do tipo oriental. Viviam em comunidades primitivas orientadas por um chefe escolhido entre si.

Eram nômades, mas com a descoberta da agricultura e da pastorícia tornaram-se sedentários. Os khoisans são monógamos e suas línguas compreendem a dos hotentote e as dos vakankala – constituindo uma unidade, embora alguns traços particulares caracterizem cada grupo etnolinguístico.

### Variantes da língua:

**Kankala, Hotentote, Kazama, Kasekele, Kwankala**

## 2. Vátwa

Os Vátwa são um grupo pré banto que habitou o território angolano no paleolítico. O grupo é formado pelo Ova, Kwandu ou Kwissi e pelos Ova-kwepe. Habitam a faixa semi desértica do deserto do Namibe entre o mar e a Serra da Chela. Suas origens são pouco conhecidas e somam uma população de aproximadamente 6.000 pessoas. Os Vátwa foram assimilados pelos Ovakuvala que adotaram-lhe a língua, a circuncisão e cerimoniais para a puberdade feminina. Os Vátwa são polígamos. Veneram um ser supremo e praticam o culto dos antepassados. São caçadores de antílopes e zebras e criadores de gado bovino. Linguisticamente define-se como Khoisan, embora haja uma mistura de elementos de línguas banto.

**As variações da língua:**

**Kwepe e Kwisi.**

# Os Bantos

Banto é um termo proposto em 1862 pelo linguista alemão Wilhelm Bleek. Esta concepção foi desenvolvida por Carl Meinhof em 1899 quando publicou o estudo fonético comparado das línguas chamadas banto.

Os bantos partiram da região do atual Benin (fronteira entre Camarões e Nigéria) desceram até a Bacia do Congo, Planalto Luba e dos Grandes Lagos de onde partiu a expansão para Angola. A expansão banto se deu entre o século XII e o século XIX a partir do Baixo Congo. O povo Bakongos que ainda nos tempos atuais tem forte presença na República Democrática do Congo e na República do Congo, fixaram-se na

margem esquerda do Rio Congo, norte de Angola. Os Ovanyaneka entraram pelo sul de Angola e estabeleceram-se no território que hoje é a província da Huíla, Lubango; nessa mesma época vieram os Osvahelelo pelo leste e entrando pelo Nordeste vem os Bayaka, logo seguidos Vangangela, Tucokwe, Ambundu, e outros.



# **Divisão etno- -linguística banto em Angola**

O povo angolano é hoje constituído por descendentes de povos não-bantos (hotentote e khoisan), pré bantu (vatwa), bantos e descendentes de europeus com angolanos. Entre os banto angolanos calcula-se cerca de 90 a 100 grupos etno-linguísticos, agrupados em nove grandes grupos:

**Grupo Etnolinguístico Tucokwe**

**Grupo Etnolinguístico Ambundu**

**Grupo Etnolinguístico Bakongo**

**Grupo Etnolinguístico Vangangela**

**Grupo Etnolinguístico Ovanyaneka – Nkhumbi**

**Grupo Etnolinguístico Ovahelelo**

**Grupo Etnolinguístico Ovambo**







# OS POVOS INDÍGENAS E SUAS LÍNGUAS

Referência:

**Povos indígenas do Brasil**  
**Instituto Sócio Ambiental**

**A**lgumas fontes dizem existir em solo brasileiro nos dias de hoje aproximadamente oito milhões de indígenas falantes de aproximadamente 295 línguas indígenas. Estima-se que na época da chegada dos portugueses a este território existiam mais de mil línguas ativas. Acreditamos ser imperativo que todos nós brasileiros debruçemo-nos sobre esse holocausto praticado, exercido sobre a população indígena que habitava e ainda habita o Brasil. Importante citar que esta observação não é para alimentarmos um sentimento de rancor ou revanche, mas para que acontecimentos como esse não tenham mais possibilidade de voltar a acontecer. Nessa ótica, ratificamos nosso desejo de debruçarmo-nos na observação das leis 10.639-03 e 11.645/08 que orientam o ensino da cultura do indígena e africana no ensino fundamental, e que seja extensivo a toda graduação e pós graduação no nosso ensino oficial.

Sinto necessidade de pleonaslizar o pleonismo e venho forçosamente forçar uma afirmação de direito e de fato que o Brasil - o nosso Brasil ainda nos dias e anos d'hoje, 2026, apresenta-nos variadíssima exposição real de culturas, etnias e povos que em condições adversas se amalgamaram, e passados quase meio milênio ainda se vive uma interrogação do devido entendimento entre os formadores do povo e da cultura brasileira.



POVOS EXISTENTES NO BRASIL

ANTES DA COLONIZAÇÃO: - **INDÍGENAS.**

POVOS INVASORES: - **PORTUGUESES, HOLANDESES, FRANCESES**

COLONOS: - **PORTUGUESES**

POVOS TRAZIDOS À FORÇA: - **AFRICANOS DO BENIM, ANGOLA, MOÇAMBIQUE, GUINÉ BISSAU, NIGÉRIA, DAHOMÉ, CONGO, CABO VERDE, SÃO TOMÉ...**



Segundo pesquisas do Instituto Socioambiental, as línguas indígenas são agrupadas em famílias que por sua vez se agrupam em troncos linguísticos. Existem também línguas que não pertencem a nenhuma das famílias conhecidas e que são chamadas pelos especialistas de línguas isoladas. Ao afirmarmos que as línguas fazem parte da mesma família linguística, significa que essas possuem uma origem comum, ou seja, que a língua mãe pertencia a uma só etnia. Considera-se, e provavelmente assim o foi, e estamos inclinados a en-



grossar as fileiras de todos aqueles que através das observações e narrativas históricas atribui aos jesuítas (destacando-se Padre José de Anchieta e posteriormente o Padre Antônio Vieira), a tarefa de estudar e criar uma gramática em língua indígena para fins de colonização política/religiosa.

O tronco tupi é o maior e também o mais conhecido: possui dez famílias e cada uma delas agrupa várias línguas. No caso do guarani, há dialetos, como o mbya e o nhandeva, o que não os restringe de se compreenderem entre si.

As famílias linguísticas Tupí Guaraní, Arikém, Awetí, Jurúna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puroborá, Ramaráma e Tuparí fazem parte do Tronco Tupí.

O tronco Macro-jê possui nove famílias e reúne aproximadamente 25 línguas faladas no Centro-Oeste, sendo os ramos da família linguística Macro-gê: Maxacali, Krenak, Karajá, Ofayé, Guató, Rikbaktsá e Boróro.



As famílias Aruák e Karib não têm troncos linguísticos constituídos e tem várias línguas que lhe são pertencas. Os que falam essas línguas estão situados no norte, noroeste e sul da Amazônia e no Mato-grosso do Grosso do Sul. As línguas Karib são faladas no sul do rio Amazonas, ao longo do rio Xingu e no norte da Amazônia. As línguas da família Txapakúra são faladas na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, enquanto a língua Tukano é falada no noroeste da Amazônia. Os Yanomami têm línguas faladas na área fronteira entre Brasil e Venezuela. Pequenas etnias cuja descendência é posterior à identificação como: Arikapu e os Kwazá que habitam em Rondônia e os Apiaká em Mato Grosso.



Observamos que O padre José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada - Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil. Nos anos de 1618 foi publicado o primeiro Catecismo na Língua Brasileira e no ano de 1621 foi escrito o dicionário dos jesuítas, o vocabulário na Língua Brasileira. A partir da segunda metade do século XVII essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios missionados e não-índios, passou a ser conhecida pelo nome Língua Geral. Mas é preciso distinguir duas línguas gerais no Brasil-Colônia: a paulista e a amazônica. Foi a primeira delas que deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro ainda hoje usado (nomes de coisas, lugares, animais, alimentos etc.) e que leva muita gente a imaginar que "a língua dos índios é (apenas) o Tupi.

Segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo 2022), o Brasil tem aproximadamente um milhão seiscientos e noventa indígenas (0,83% da população), com 391 etnias e 295 línguas. A maioria (44,48%) reside na região Norte, seguida pelo Nordeste (31,22%). Amazonas e Bahia concentram a maior população, com 63,27% vivendo fora de terras indígenas. A etnia mais populosa é a Tikuna.



### **Distribuição Regional:**

A região Norte concentra a maior população indígena (753 mil), seguida pelo Nordeste (528 mil), Centro-Oeste (199 mil), Sudeste (123 mil) e Sul.

### **Etnias Mais Populosas:**

Tikúna (74.061), Kokama (64.327), Makuxí (53.446) e Guaraní Kaiowá (50.034).

# Multilinguismo

*Texto adaptado de Aryon Dall’Igna Rodrigues – Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola, São Paulo, 1986*

O número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado. Há aqueles que falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas. Não é raro encontrar sociedades ou indivíduos indígenas em situação de bilin-

güismo, trilingüismo ou mesmo multilingüismo. É possível nos depararmos, numa mesma aldeia, com indivíduos que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngües ou multilíngües. A diferença lingüística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Um bom exemplo disso se encontra entre os índios da família lingüística Tukano, localizados em grande parte ao longo do rio Uaupés, um dos grandes formadores do rio Negro, numa extensão que vai da Colômbia ao Brasil. Entre esses povos habitantes do rio Negro, os homens costumam falar de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo políglotas que dominam de oito a dez idiomas. Além disso, as línguas representam, para eles, elementos para a constituição da



identidade pessoal. Um homem, por exemplo, deve falar a mesma língua que seu pai, ou seja, partilhar com ele o mesmo “grupo lingüístico”. No entanto, deve se casar com uma mulher que fale uma língua diferente, ou seja, que pertença a um outro “grupo lingüístico”.

Os povos Tukano são, assim, tipicamente multilíngües. Eles demonstram como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independente do grau de diferença entre elas, e

mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo. O multilingüismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família Tukano. Envolve também, em muitos casos, idiomas das famílias Aruak e Maku, assim como a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu, o Português e o Espanhol. Às vezes,

nesses contextos, uma das línguas torna-se o meio de comunicação mais usado (o que os especialistas chamam de língua-franca), passando a ser utilizada por todos, quando estão juntos, para superar as barreiras da compreensão. Por exemplo, a língua Tukano, que pertence à família Tukano, tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais dessa família, visto que se converteu em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Ela suplantou algumas outras línguas (completamente, no caso Arapaço, ou quase completamente, no caso Tariana). Há casos em que é o Português que funciona como língua franca. Em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, há situações em que diferentes povos indígenas e a população ribeirinha falam o Nheengatu, língua geral amazônica, quando conversam entre si.







# MOVIMENTO AFROBARROCO

O cantor, compositor, instrumentista e pesquisador Mateus Aleluia, nasceu na vetusta cidade da Cachoeira, outrora Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, banhada pelo

**por  
Manoel Passos Pereira**

imponente rio Paraguaçu, que mantinha a importante comunicação de Salvador com o restante do país, através das três estradas de Belém, Muritiba e Capueruçu. A cidade heróica da Cachoeira detém um notável acervo cultural, seja tangível ou intangível, notadamente pertencente ao universo da religiosidade ancestral africana, área amplamente íntima do pesquisador cachoeirano. Vale enfatizar que Seu Mateus, como Margareth Menezes gosta de chamá-lo, participou do coral da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, onde se aproximou dos cânticos barrocos. Sobre sua cidade natal, Mateus afirma:

*"Cachoeira é uma cidade cujo misticismo salta à flor da pele, aquela cultura miscigenada. Você vê o afro-barroco bem distinto, o barroco e o afro. E você vê bem a presença indígena, que nós tentamos ocultar não por quê. Este Brasil é tão índio, e a gente não fala".(1)*

Nos idos de 50 do século XX, surgiu em Cachoeira o grupo musical os “Tincoãs”, formado principianamente pelos jovens Dadinho, Eraldo e Everaldo Brito. O gênero que tocavam era o bolero, cuja forma melódica evocava a trio Irakitam. Eles gravaram um LP de vinil nomeado de “Meu último bolero”, no entanto, após a gravação, Erivaldo saiu do grupo para se empenhar na memória histórica e cultural de Cachoeira e região circunvizinha. A saída de Everaldo no ano de 1963, fez com que Mateus Aleluia a substituísse, afinal ele já frequentava os ensaios do grupo no bar de Dadinho, denominado “Sucesso”. A chegada de Seu Mateus, fez o grupo dar uma guinada no seu estilo musical, saindo do bolero para incorporar a musicalidade dos terreiros de candomblés do Recôncavo baiano. Em 1983, Mateus e Dadinho resolveram ir para o continente africano, atravessaram o Oceano Atlântico e foram para Angola, especificamente, para a cidade de Luanda, a fim de participarem de alguns projetos da Secretaria de Estado da Cultura de Angola. O que seria uma curta permanência transformou-se em uma longa estadia, envolvendo-os em profundas pesquisas da história e cultura da África. Construíram novas famílias, Dadinho faleceu em Luanda no ano de 2000 e Mateus retornou a Bahia em 2003.

Foi em 2004 que Seu Mateus apresentou o “Projeto Palestra Lítero Musical Afro Barroco”, em que juntou a música com o audiovisual e a palestra. O termo “Afro” envolve tudo que é relativo à diáspora negra africana. Participei deste projeto como palestrante, quando Seu Mateus cantava geralmente acompanhado por uma banda, em seguida exibia-se um pequeno trecho do documentário “Povo de Santo”, realizado por mim e meu parceiro Wilson Militão, logo depois contribuía com a palestra, abordando a pluralidade da cultura negra ancestral africana e a famigerada questão

do racismo. Foram realizadas quinze apresentações em escolas públicas no município de Salvador, três em cidades do interior do Recôncavo e outra no teatro do SENAC no Rio de Janeiro. Participei também do projeto da Fundação Pedro Calmon, na biblioteca Juracy Magalhães, “A música e a palavra”, quando Seu Mateus cantava e eu comentava sua obra. O público cantou as canções “Gira” e o mantra “Cordeiro de Nanã”, que João Gilberto gravou. Finalizando este texto, Mateus Aleluia afirmou categoricamente:

Não é cantar, é pesquisar. Meu trabalho na música sempre foi. É uma continuidade do trabalho dos Tingoás, que sempre foi buscado em pesquisa. Primeiro foi pesquisa local, depois se estendeu quando fomos pra Angola, abrimos nossos horizontes in loco. E Cachoeira é isso, você vê a presença dela, mística, cultural, política (...) Cachoeira tem um povo único, que não está muito preocupado com as mudanças do tempo. Tá preocupado com o próprio tempo. (2).



#### Notas:

(1) SANCHES, Pedro Alexandre. *Mateus Aleluia, voz dos recuados*; São Paulo: Farofafá, 2016. <http://farofafa.cartacapital.com.br/2016/06/o8mateus-aleluia-voz-dos-p4>.

(2) WAUCAMPT, Dionísia Ferreira. *Existe uma dança afro-contemporânea? Mestrado em dança*; Universidade René Descartes; Paris; 1996; *passim*.



**M**eu mais espontâneo agradecimento à vida que habita em Todos Nós - e à todas as criaturas viventes que direta ou indiretamente me estimularam a prosseguir na senda do Afrobarroco em Palestra Musical, sustentado nos alicerces das Nações Indígenas habitantes desde sempre neste hoje - Nosso Brasil.

Agradecimento especial à Tenille Bezerra pelo seu apurado zelo como diretora deste projeto e pela sua condução aguerrida na procura dos meios materiais para a edição deste nosso primeiro ensaio literário, através dos mais variados editais, pelo imaterial investimento do seu tempo e pela pesquisa sobre as culturas indígenas que me possibilitou tecer algumas considerações sobre a presença mais do que justificada desses atores nessa edição Indo-Afro-Barroca.

Mateus Aleluia



Para ouvir o livro narrado por Mateus  
Aleluia acesse aqui.

**[www.mateusaleluia.com.br/afrobarroco](http://www.mateusaleluia.com.br/afrobarroco)**



**Este livro é gestado no tempo  
e nasce quando encontra  
o brilho dos olhos de quem o vê.**

**Cachoeira, Bahia, 2026**

**Foi composto nas fontes Silva Text e  
ThunderhousePro e impresso pela Gráfica JB,  
em papel Pólen 90g/m<sup>2</sup>**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

**Aleluia, Mateus**

**O Afrobarroco / Mateus Aleluia : [organização Tenille Bezerra ; ilustração Eris Beatriz]. -- Cachoeira, BA : Sanzala Cultural, 2026.**

**ISBN 978-65-976228-0-1**

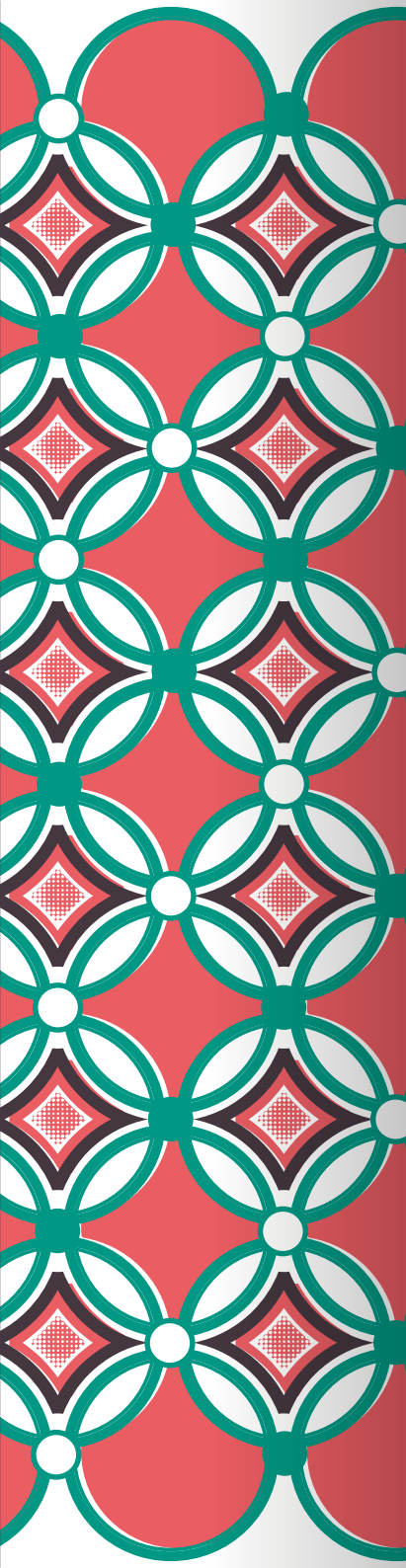
**1. Ancestralidade 2. Cultura afro-brasileira  
3. Descolonização 4. Educação 5. Ensaios literários  
6. Literatura brasileira I. Bezerra, Tenille.  
II. Eris Beatriz. III. Título.**

**26-368550.0**

**CDD-869.94**

**Índices para catálogo sistemático:**

- 1. Ensaios literários : Literatura brasileira 869.94  
Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB SP-010133/0**



-Jeje, o primeiro de uma série de publicações previstas pelo projeto. Em 2025 realizou em Salvador a anúncio do programa Baía Profunda, programa internacional de cooperação no âmbito das artes e da cultura.

Reconhecida autoridade cultural, Mateus foi agraciado em 2020 com a medalha 2 de Julho, maior honraria da Assembleia Legislativa da Bahia, tornando-se comendador pelo seu estado. Em 2021 recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Em 2025 recebeu a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura do Brasil no grau Grã-Cruz, maior honraria destinada à uma personalidade da cultura.



O Afrobarroco é uma proposta de convivência inclusiva que afirma o diálogo e o respeito a todos que contribuíram para que o Brasil seja o que é.

É necessário descolonizarmos culturalmente a nossa mentalidade, e essa descolonização cultural só poderá ser alcançada através da educação.

É imperativo que reestruturemos nossa forma de educar.

PRODUÇÃO

*Sanzala Artística* **talismã**

APOIO FINANCEIRO

GOVERNO DA  
**BAHIA**  
SECRETARIA  
DE CULTURA

REALIZAÇÃO

**SNC**  
SISTEMA NACIONAL DE CULTURA

POLÍTICA NACIONAL  
**ALDIR BLANC**  
DE FOMENTO À CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO DO  
**BRASIL**  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

ISBN: 978-65-976228-0-1



9 786597 622801